

# **CORPO, MEMÓRIA E ESPAÇO URBANO**

## **Uma revisão bibliográfica exploratória**

Body, Memory, and Urban Space  
An exploratory literature review  
Cuerpo, Memoria y Espacio Urbano  
Una revisión exploratoria de la literatura

Ricardo Ferreira Lopes - DPRT/FAU, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil  
ricardof.lopes@yahoo.com.br

Maria Fernanda de Széchy Martins Pinto - Voluntária de Iniciação Científica, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil m-fernanda.s@hotmail.com

Breno Marangon Neves - Voluntário de Iniciação Científica, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil  
brenomneves@outlook.com

Josielle Cíntia de Souza Rocha - Centro Universitário FAMINAS, Brasil josiellecintia@yahoo.com.br

### **RESUMO**

O objetivo desse artigo é revisitar a obra de Bloomer e Moore (1977), a fim de apresentar as influências da corrente fenomenológica de pensamento em algumas obras mais recentes dos teóricos de arquitetura e urbanismo, pelas quais abordam o tema corporeidade. A metodologia empregada envolve uma pesquisa exploratória sobre o tema, onde é estabelecido um paralelo entre Bloomer e Moore com Careri (2014), Pallasmaa (2011) e Gehl (2013). Observa-se como ponto em comum em tais obras, a preocupação com a experiência sensível na apreensão da arquitetura e vivência corporal no meio ambiente, bem como a compreensão de como a sensorialidade e a afetividade podem influenciar nos espaços vividos. Ao fim, são discutidas as contribuições da fenomenologia no campo da arquitetura e urbanismo, apontando para possibilidades de estudos futuros e o desenvolvimento de procedimentos empíricos de leituras urbanas.

**Palavras-chave:** fenomenologia, corporeidade, memória, espaços urbanos.

**Linha de Investigação:** B1\_Teoria e História da Cidade e do Território.

### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to revisit the work of Bloomer and Moore (1977), in order to present the influences of the phenomenological current of thought in some of the more recent works of architectural and urbanism theorists, through which they approach the theme of corporeity. The methodology used involves an exploratory research on the subject, where a parallel is established between Bloomer and Moore with Careri (2014), Pallasmaa (2011) and Gehl (2013). It is observed as a common point in such works, the concern about the sensitive experience in the apprehension of architecture and corporal experience in the environment, as well as the understanding of how sensoriality and affectivity can influence in the lived spaces. Finally, the contributions of phenomenology in the field of architecture and urbanism are discussed, pointing to possibilities for future studies and the development of empirical procedures for urban research.

**Keywords:** phenomenology, corporeity, memory, urban spaces.

**Line of Investigation:** B1\_Theory and History of the City and the Territory.

### **RESUMEN**

El propósito de este artículo es retomar el trabajo de Bloomer y Moore (1977), con el fin de presentar las influencias de la corriente de pensamiento fenomenológico en algunos de los trabajos más recientes de teóricos de la arquitectura y el urbanismo, a través de los cuales abordan el tema de la corporeidad. La metodología utilizada contiene una investigación exploratoria sobre el tema, donde se establece un paralelismo entre Bloomer y Moore con Careri (2014), Pallasmaa (2011) y Gehl (2013). Se observa como punto común en tales trabajos, la preocupación por la experiencia sensible en la apreheñsion de la arquitectura y la experiencia corporal en el entorno, así como la comprensión de cómo la sensorialidad y la afectividad pueden influir en los espacios vividos. Finalmente, se discuten las contribuciones de la fenomenología en el campo de la arquitectura y el urbanismo, apuntando posibilidades para futuros estudios y el desarrollo de procedimientos empíricos para lecturas urbanas.

**Palabras clave:** fenomenología, corporeidad, memoria, espacios urbanos.

**Línea de Investigación:** B1\_Teoría e Historia de la Ciudad y el Territorio.

## 1. Introdução

A década de 1970 foi marcada pelas contribuições filosóficas da fenomenologia em diversos campos de conhecimento. No campo da Arquitetura e Urbanismo, os esforços da fenomenologia contribuíram decisivamente para estruturar toda uma teoria da experiência corpórea. Em 1977 foi publicado o livro *Body, Memory, and Architecture*, de autoria dos arquitetos Kent Bloomer (1935-) e Charles Moore (1925-1993), com contribuições do arquiteto Robert Yudell. Ainda pouco difundida no Brasil, a obra é resultado das atividades didáticas desenvolvidas pelos autores na Escola de Arquitetura de Yale (New Haven, EUA) desde os anos 1960. Embasados na teoria da imagem corporal e com acentuada influência da fenomenologia de Bachelard (2008), os autores tratam das questões sensoriais e afetivas da arquitetura com relação aos indivíduos. Defendem, ainda, a valorização do sentido háptico e dos sistemas de orientação no espaço e suas implicações nos sentidos. Entendem, por conseguinte, que a noção espacial, ou seja, a tridimensionalidade, origina-se da experiência corpórea e que isto deve construir a base para se entender o sentimento do espaço em nossa experiência com os edifícios. Por fim, realizam um debate sobre lugar e regionalismos, tecendo severas críticas ao urbanismo modernista, aos modelos de habitação popular, aos arranha-céus e aos *shopping centers*.

Embora nessas últimas cinco décadas tenha sido evidente o crescimento de uma abordagem fenomenológica nas discussões teóricas, observa-se, ainda, certa carência de textos que discutam as contribuições teórico-metodológicas dessa perspectiva nas Ciências Sociais Aplicadas, especialmente, com ênfase no campo da Arquitetura e Urbanismo, justificando, portanto, a presente investigação. Desse modo, nosso objetivo central é revisitar a obra de Bloomer e Moore (1977), a fim de apontar as influências da corrente fenomenológica de pensamento nas obras mais recentes dos teóricos de arquitetura e urbanismo, com ênfase no tema **corporeidade**, a saber: (i) Careri ([2002] 2014) com *Walkscapes*; (ii) Pallasmaa ([2005] 2011) com *Os Olhos da Pele e*; (iii) Gehl ([2010] 2013) com *Cidades para Pessoas*.

Não são apresentadas hipóteses nesse trabalho, pois o problema da pesquisa está consubstanciado na reflexão sobre os principais expoentes ligados ao tema, de forma a tentar averiguar a atualidade da obra de Bloomer e Moore e suas possíveis contribuições, para além da arquitetura, nas reflexões sobre o corpo, memória e espaços urbanos. Optamos, portanto, por realizar uma pesquisa exploratória sobre o tema, apoiada na busca de contribuições e correlações entre os teóricos supracitados, com o pensamento filosófico de matriz fenomenológica (Bachelard, 2008; Merleau-Ponty, 2018; Heidegger, 2001). De maneira a aproximar do tema foi realizado um levantamento bibliográfico literal de autores que têm se destacado na reflexão sobre a perspectiva da experiência como possibilidade de compreensão e interpretação dos espaços vividos. As reflexões de Bloomer e Moore serão explicitadas em diálogo com os demais teóricos, examinando a importância do corpo humano na arquitetura e no urbanismo e a conexão entre memória e experiências corporais.

Com base no desenvolvimento da pesquisa bibliográfica compreendemos como a sensorialidade e a afetividade podem influenciar nos espaços vividos. Assim, almejamos que a discussão sobre as contribuições da fenomenologia no campo da arquitetura e urbanismo esclareça possibilidades de estudos futuros, bem como o desenvolvimento de procedimentos empíricos de leituras urbanas.

## 2. “Corpo, memória e arquitetura”: uma revisão teórica da obra de Bloomer e Moore

A obra *Body, Memory, and Architecture* (1977) é um produto de esforços coletivos para ensinar fundamentos do projeto arquitetônico aos estudantes do primeiro ano profissional da *School of Architecture of Yale University*. A principal lição dos professores Bloomer e Moore é como os edifícios são vivenciados, antes de quaisquer especulações da forma como são construídos. Assim, eles defendem que, para compreender como os edifícios afetam emocionalmente os indivíduos e as comunidades, bem como fornecem às pessoas um senso de alegria, identidade e lugar, não há como distinguir a arquitetura de qualquer ato de construção cotidiana. A crítica dos autores à época foi direcionada à escassez de referências sobre capacidades perceptivas e emocionais únicas do ser humano, uma vez que questões de alegria e beleza eram frequentemente consideradas arbitrárias à luz do progressivo desenvolvimento de metodologias de projeto e tecnologias construtivas. A experiência arquitetônica em suas qualidades policromáticas e tridimensionais

estava relegada a diagramas bidimensionais, os quais priorizam as características quantificáveis da organização dos edifícios. Embora seja considerada uma arte social e sensual, que responde a desejos e sentimentos, a arquitetura era caracterizada em suas etapas projetuais como uma arte visual abstrata e não como uma arte centrada no corpo. Eis daí a importância do papel do corpo humano na apreensão do meio.

Na primeira parte da obra, Bloomer e Moore lançam um olhar otimista sobre o livro, em um mundo que, segundo eles, é “caracterizado pela indiferença, passível de esquecimento e marcado por ambientes hostis” (1977:ix, tradução livre). Desse modo, os autores perfazem uma revisão de alguns eventos importantes da história ocidental, trazendo alguns apontamentos de quanto tempo o corpo foi fundamental para o pensamento arquitetônico. Destacam-se, nesta análise, as relações de intimidade nas casas e jardins norte-americanos, santuários em Atenas e no Japão, arcadas romanas e o palácio de Versalhes. Nesses exemplos, a presença do corpo ocorre, segundo eles, como princípio organizador “divino” na arquitetura. Assumidamente inspirado no pensamento de Bachelard (2008), os autores sugerem que os limites da casa são pontos de partida para a fantasia, por meio do desenvolvimento das descrições vívidas do significado de suas partes.

Para compreender melhor o pensamento de Bloomer e Moore (1977) cabe explicitar a obra de Bachelard (2008). O filósofo recorre ao estudo da imagem poética em sua origem, a partir de uma fenomenologia da imaginação pura e criadora, compreendendo a imagem a partir de uma consciência individual. Tendo em vista as variações individuais das imagens, Bachelard conduz sua investigação ao exame de imagens simples e aos valores humanos dos espaços de proteção, tomando a casa como abrigo, pois considera o lugar da casa no mundo. Essa noção de espaço poético é de fundamental influência na teoria da arquitetura, pois reconhece a casa como sendo o lugar onde as imagens poéticas estão relacionadas com seus ambientes vividos. Nascermos no contexto da casa e, conseqüentemente, a experiência existencial humana, desde o início da vida, é mediada e estruturada pela arquitetura, pois a imagem e a imaginação das casas emergem na memória como um estado psíquico.

Para Bloomer e Moore, tais distinções qualitativas, como por exemplo, as noções provenientes da consciência corporal de nós mesmos (“acima” e “abaixo”; “frente” e “trás” e “sinistro” e “destro”) podem ser colocadas em xeque pelo modelo de educação formal hegemônico pautado no cartesianismo, no qual a relação espacial das coisas, segundo eixos coordenados, pode parecer muito mais precisa, enquanto ignora-se a qualidade de localização. Bloomer e Moore sugerem que, durante o surgimento das academias modernas, as crenças arquitetônicas tornaram-se severamente “racionais”. Nessa seara, reexaminaram algumas controvérsias do pensamento filosófico e psicológico pós-cartesiano, no que diz respeito às mudanças nas visões da arquitetura, em especial a sua “mecanização”, que coincidiram com a busca de novas leis para governar todas as formas físicas, a exemplo de Galileu Galilei. Os autores observam que nesse momento, o saber sensível, que reconhecia o sentido da beleza de um edifício por seus ornamentos e proporções, passava a ser questionado no saber racional, por outros critérios mais “funcionais”.

No decorrer da obra, os autores revisam alguns modelos de percepção sensorial que foram influentes no século XX e examinam em maiores detalhes algumas implicações da teoria da imagem corporal e o desenvolvimento do sentido háptico. Destacam-se, como referenciais, a escola de psicologia da Gestalt, importante no desenvolvimento da “forma” nos movimentos modernos na arquitetura do século XX e a psicologia ambiental de J.J. Gibson, que compreende que os cinco sentidos básicos humanos podem ser psicologicamente sistematizados e caracterizados como sistemas de detecção ativos que buscam, constantemente, “informações” do ambiente. Os sentidos “hápticos” e de “orientação básica” são inclusos por Gibson nesse sistema, contribuindo, mais do que os outros sentidos, para nossa compreensão da tridimensionalidade: o essencial da experiência arquitetônica. A orientação básica refere-se “ao nosso sentido postural de cima e para baixo que, devido à sua dependência da gravidade, estabelece nosso conhecimento do plano do solo”, enquanto o sentido háptico “é o sentido do toque reconsiderado para incluir todo o corpo e não apenas os instrumentos do toque, como as mãos” (Bloomer; Moore, 1977:34, tradução livre). O modelo de percepção de Gibson, embora objetivo como um método claro de abordagem, ao reagrupar os sentidos em torno dos tipos de informação que os indivíduos buscam em suas transações com o ambiente físico, nos fornece um rico modelo mecânico de percepção, a partir do qual podemos entender melhor alguns dos processos que geram experiência em arquitetura. Compreende-se, assim, que a sensação dos edifícios e o nosso sentido de habitar dentro deles são mais fundamentais para a nossa experiência arquitetônica do que as informações que nos dão. Portanto, o sentido mais essencial e memorável da tridimensionalidade se origina na experiência corporal, constituindo-se de uma base para a compreensão do sentimento espacial em nossa experiência com edifícios e nos espaços urbanos.

Na última metade da obra, a relação entre as implicações pessoais e sociais da teoria da imagem corporal é discutida, sendo revisado o papel do movimento, que procede a um vocabulário mais específico de formas arquitetônicas e suas relações. A distinção entre o “sentimento” do espaço, desenvolvido por todo o corpo e

o espaço “objetivo”, descrito através da medição matemática e gráfica, é que o espaço objetivo não requer a existência de um centro. A espacialidade corporal, por sua vez, refere-se a um mundo interno que não é apenas distinto e dentro de um mundo externo, mas que é centrado em “marcos” e memórias corporais, que refletem uma vida inteira de eventos encontrados fora dos limites do corpo psíquico. O lugar central da casa, como o coração em nossos corpos, acumula recordações que podem ter características de “sentimentos”, em vez de dados e, assim, as mesmas orientações e sensibilidades que funcionam na casa, como as experiências hápticas, também devem existir na cidade, para que possam adquirir identidade e pertencimento.

A paisagem do mundo interior humano, formada por marcos, coordenadas, hierarquias e, principalmente, fronteiras, serve como o único ponto de partida para a organização do espaço ao nosso redor, que, mais do que percebido, é habitado por nós. Ao olhar novamente para os edifícios que ocupam o espaço existencial que nos cerca, confrontá-los desde o limite do corpo individual, até o primeiro limite compartilhado (a casa) e em volta desse até os limites compartilhados pelas comunidades, os autores verificam como eles podem ser um meio de estender a ordem interna para fora, de fazer um mundo que seja uma extensão de acordo com o nosso senso de nós mesmos. Como forma de compreender o mundo habitado dentro de determinados limites, Bloomer e Moore definem uma sintaxe de quatro elementos formais denominados: lugar, caminho, padrão e borda. Estes foram considerados como arranjos de disposição arquitetônica que se produzem como resposta, tanto à paisagem natural, bem como aos corpos e às memórias humanas:

**(i) lugar:** condição física primordial de espaços distinguíveis do mundo ao seu redor, sendo caracterizado pelo sentido pleno de habitar, ou seja, das pessoas se sentirem naturalmente em casa;

**(ii) caminho:** pode ser diversificado e constituir-se no domínio físico ou imaginado. A forma de movimento e de decisão (subir ou descer, em nível, interseções, ramificações, confluências, combinações de linhas retas ou curvas) tem a ver com as diferentes experiências hápticas e de orientação no espaço;

**(iii) padrão:** sistema pelo qual caminhos e lugares se interrelacionam, permitindo dar sentido a um espaço delimitado. Os tipos usuais de padrões podem ser classificados como: *háptico*, *háptico-geométricos*, *radial-concêntricos centrípetos*, *radial-concêntricos centrífugos*, *reticulares* e *reticulares tridimensionais*;

**(iv) borda:** ou limite, é tudo aquilo que cerca ou fica de frente para um elemento notável, como a fachada, o parapeito, a parede, as baías e as distorções ou quebras do sistema formal.

Os autores, de forma a organizar a questão de como os seres humanos estendem a paisagem interior para o mundo de maneiras compreensíveis, experienciais e habitáveis, apresentam a descrição de lugares conhecidos, de tamanhos e usos variados e em diferentes localidades do mundo, desde a Acrópole de Atenas até a Burns House, projeto de Charles Moore e Richard Chylinski, em Los Angeles. Os requisitos para poder qualificá-los como lugares memoráveis, apesar de suas diferenças e peculiaridades, é que todos favorecem a interrelação entre corpo, memória e arquitetura, permitindo que “habitamos neles”, no sentido mais amplo, quer seja literalmente, ou em sonhos e lembranças. Os autores ressaltam que tais exemplos apresentam qualidades de doação de sentido e identidade, que não são precisamente mensuráveis em custo e eficiência.

Por fim, Bloomer e Moore (1977) reiteram que o otimismo assumido na obra pode ser compreendido em dois pontos: (i) que os marcos e a ordem existentes em nossos corpos são capazes de criar uma base compreensível por todos, sobre a extensão da identidade humana em nosso ambiente, e; (ii) que o mundo da arquitetura está repleto de exemplos bem-sucedidos e até inspiradores dessa extensão. Desse modo, apresentam alguns exemplos considerados bem-sucedidos por apresentarem espaços centrais a serem compartilhados, passando, assim, a pertencer à memória coletiva, como, dentre outros o Hotel del Coronado, na Califórnia. Na contramão dos demais casos são apresentados alguns exemplos, dentre os quais, apesar de visualmente atrativos, receberam críticas negativas por não apresentarem espaços centralizados para a interação humana ou por não estimularem a memória e a orientação corporal, como a Unité d'Habitation de Marselha.

### 3. Corpo, memória e espaço urbano: algumas reflexões em obras contemporâneas

A fenomenologia tem servido de base para reflexão filosófica utilizada como fundamentação teórica do pensamento arquitetônico e urbanístico na contemporaneidade, uma vez que estuda os fenômenos a partir dos significados e sentidos construídos do mundo vivido (Lopes, 2017). Tudo que conhecemos do mundo, sabemos por meio da vivência, da nossa experiência singular e, conforme Nesbitt (2006:31), tem-se abordado nessas investigações, “a relação corporal e inconsciente” na apreensão da arquitetura. Para Engel (2009), os esforços da fenomenologia contribuíram decisivamente para estruturar toda uma teoria da experiência arquitetônica e urbanística, pois emergia a noção de um espaço da experiência existencial, amparando as noções de ambiente e lugar, consolidadas após a revisão do movimento moderno ao final da Segunda Guerra

Mundial. Assim, arquitetura e cidade passam a ser pensadas em continuidade à corporeidade, ligadas à experiência atual do espaço, contudo sem estar desvinculadas do horizonte cultural, influenciando alguns teóricos da contemporaneidade e repercutindo cada vez mais no ensino e na pesquisa da arquitetura e do urbanismo.

Além de Bloomer e Moore (1977), outro autor consagrado na teoria da arquitetura fundamentada na fenomenologia é Norberg-Schulz (1980). Inspirado na filosofia de Heidegger (2001), o teórico se preocupa com a concretização do espaço existencial, mediante a formação de lugares. Assim, Norberg-Schulz sustenta que habitar um espaço e existir são a mesma coisa, e evoca que a identidade do homem depende diretamente da sua identificação com o lugar, seja natural ou construído. Os aspectos tectônicos da arquitetura, como luz, texturas, cores, homogeneidade e heterogeneidade formal, também definem o “espírito do lugar” (*Genius loci*) e permitem que este tenha um conteúdo existencial, por meio da formação de “lugares” específicos, ou seja, ao simbolizar a identidade mesma daqueles que o habitam, dando significado ao seu ambiente e definindo o seu caráter.

Verificamos que desde o início do século XXI, algumas investigações têm se destacado no meio acadêmico, em especial, por apresentar preocupação pela relação intrínseca entre o corpo e espaços arquitetônicos e urbanísticos. Selecionamos no presente trabalho três autores referenciais, a saber, Pallasmaa (2011), Careri (2014) e Gehl (2013).

Em *Os Olhos da Pele*, Juhani Pallasmaa (2011) expõe a importância da valorização do corpo na prática arquitetônica como fator de construção de uma “arquitetura significativa”, colocando a experiência multissensorial no centro da discussão. Pallasmaa é fortemente influenciado pela filosofia de Merleau-Ponty (2018), que concebe a fenomenologia como existencial, pois para o filósofo, a essência não pode ser desvinculada do mundo vivido. Merleau-Ponty concebe o corpo humano enquanto centro do mundo das experiências, isto é, suas reflexões são centradas na percepção em geral e na visão em particular, mas em vez do olho objetivo e externo, o seu sentido de visão é “uma visão corporificada” (Pallasmaa, 2011: 20), sendo fundamentada na maneira que a consciência participa da existência corpórea na sua relação com o mundo.

Nesse sentido, Pallasmaa (2011) especula a capacidade da arquitetura de provocar respostas sensoriais que intensificam a vida. O autor apresenta o papel do corpo humano como local de percepção, consciência e de significação dos sentidos. A partir da preocupação com a “des-sensualização” das relações humanas com a realidade, Pallasmaa defende a necessidade de transcender a paradoxal dimensão objetiva e utilitária do viver na contemporaneidade, como necessária para garantir nossas capacidades autênticas de imaginação, empatia e compaixão. Para Pallasmaa, a construção do significado de uma arquitetura acontece a partir da ênfase na sensação de realidade e identidade pessoal, no qual o corpo é posto como local de memória, referência, imaginação e integração. Em contraste, aponta que a “patologia dos sentidos” é uma problemática evidenciada pela negligência do corpo e dos sentidos, em consequente desequilíbrio do sistema sensorial, que resulta na alienação e isolamento no mundo tecnológico contemporâneo.

Em *Walkscapes*, Francesco Careri (2014) compreende o ato de andar na forma de errância como característica integrante da natureza humana, sendo constituinte da gênese de relações com o território. Nessa obra, Careri (2014) reflete sobre o papel da corporeidade nos espaços urbanos por meio da relação nômade do deambular com o espaço geográfico, o que chama de “*Walkscapes*”. Assim, o andar é um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente, tanto o espaço natural como o humano. O corpo errante, em deslocamento pelo espaço, estabelece um processo de leitura e escrita simultâneas do território. Desse processo, pautado em internalizações e externalizações, o autor aponta para sua capacidade de construção de paisagens, através da transformação física e simbólica do meio atravessado. Esse andar, feito a “*zozzo*”, isto é, errante, sem rumo e nem objetivo, expresso na prática da “transurbância” dada nos “espaços nômades” (vazios) da cidade é capaz de pôr o caminhante em contato com outras formas de habitar, de viventes nos “lugares outros”. Dessa maneira, Careri (2014) defende o caminhar como instrumento estético passível de apropriação arquitetônica, a fim de que a disciplina possa ampliar seu respeito e sensibilidade aos espaços que, mais do que projetados e ocupados de objetos, deveriam ser compreendidos e preche de significados.

Jan Gehl (2013), na obra *Cidade para pessoas*, apresenta a escala humana como uma dimensão necessária ao novo planejamento das cidades, mais vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Os sentidos e a escala fornecem uma base biológica das atividades humanas no meio urbano. Para o autor, o ritmo do encontro entre pessoas deve ser o ritmo da caminhada ou pedalada e não a velocidade dos carros, pois no contato entre pessoas, os sentidos são ativados a distâncias diferenciadas. No contexto do planejamento urbano, devem-se levar em conta estas experiências corporais, essenciais na relação entre a comunicação humana e as dimensões construídas. Para Gehl (2013), os espaços urbanos precisam ser ocupados por pessoas e

tais espaços deveriam ser bons o suficiente para que seus usuários se sentissem como parte integrante da cidade e que, respondessem as suas necessidades de maneira confortável e segura.

#### 4. Discussão

De acordo com Pallasmaa (2011:38), o livro *Body, Memory, and Architecture* foi um dos estudos pioneiros a “investigar o papel do corpo e dos sentidos na experimentação da arquitetura”. Reconhecemos a atualidade da obra Bloomer e Moore, mesmo após quase cinco décadas do seu lançamento. A contribuição principal desses autores, acreditamos, é reconhecer o corpo no centro das experiências, uma posição fenomenológica não assumida nos escritos dos autores, contudo identificada em Merleau-Ponty (2018). O conceito de corpo para Merleau-Ponty está fundamentado na concepção de que a percepção está relacionada à atitude corpórea e a experiência do corpo é como campo criador dos sentidos, por meio de diferentes olhares sobre o mundo, pois a percepção não pode ser entendida como uma representação mental, mas um acontecimento da corporeidade e, assim, da existência, ou seja, do “corpo-vivido” (Lopes, 2017).

A preocupação sobre a experiência sensível na apreensão da arquitetura e vivência corporal do meio ambiente é o ponto em comum entre as três obras revisadas (Careri, 2014; Gehl, 2013; Pallasmaa, 2011). Os autores consultados, em suma, perpassam pela questão da subjetividade da relação entre indivíduo e espaço, tangenciando à experiência corporal com a espacialidade, a partir da noção do corpo em movimento, em constante interação com o meio ambiente. A leitura e escrita simultâneas do espaço, apontadas por Careri (2014), tocam na compreensão do corpo como instrumento de “confronto com o mundo”, de impressão mútua de significados com o ambiente circundante. Pallasmaa (2011) corresponde este fenômeno a um processo de internalização e externalização entre corpo-espaço. Para Gehl (2013), uma boa experiência entre indivíduo e espaço está em sua qualidade ambiental, de forma que é fundamental que este proporcione proteção, conforto e prazer, resultando, assim, na percepção do usuário enquanto parte integrante do ambiente.

Com a abordagem metodológica de Careri (2014), o andar é entendido como uma prática estética que permite imprimir relações de subjetividade com o espaço. Assim, seria possível se afastar do predomínio exclusivo da experiência sensorial pautada na imagem esvaziada, como reflete Pallasmaa (2011). Portanto, o ato de vagar pelo território na perspectiva da “errância” pode se configurar como um aprofundamento e retomada da relação de densidade experiencial com espaço. Entretanto, para Gehl (2013), a mobilidade está relacionada à combinação entre fatores biológicos, comportamentais e comunicacionais dos pedestres e à própria escala do espaço, na qual o indivíduo não se sinta minimizado, mas, sim, como parte integrante deste.

A experiência arquitetônica e, por extensão, dos espaços urbanos, revela-se sensorial e corporificada nas obras consultadas, com especial destaque para Pallasmaa (2011): uma resposta ao domínio visual hegemônico em nossa cultura e sociedade. Segundo Bloomer e Moore (1977) uma das premissas herdadas do século XIX é que a mente e a memória estão de alguma forma em conflito com o corpo, porém, na contramão, os autores enfatizam continuamente a conexão entre memória e experiências corporais. Bloomer e Moore acreditam que nossos sentidos de orientação e háptico compartilham o espaço em nossas memórias com matéria puramente visual e conceitual. “As experiências hápticas que incluem o corpo inteiro dão significados fundamentais às experiências visuais, enquanto as experiências visuais servem para comunicar esses significados de volta ao corpo” (1977: 44, tradução livre). A experiência dos nossos corpos, do que tocamos e cheiramos, de quão bem estamos centrados, não está bloqueada no presente imediato, mas pode ser lembrada ao longo do tempo. Corroboramos, pois, com Bloomer e Moore quando reconhecem a importância da memória como parte de nossa existência no meio ambiente, tão rejeitada no século XX, muitas vezes sendo caracterizada como um sentimento de mera “nostalgia”. Nesse sentido, entendemos que a memória é como uma extensão da experiência vivida, certamente, não como uma negação dela.

#### 5. Considerações finais

Das considerações supracitadas, a seleção de autores e suas abordagens teóricas, direta ou indiretamente inspiradas no pensamento fenomenológico, conduz nossa reflexão sobre possibilidades outras de compreender a relação do corpo na experiência com o espaço. O olhar sensível sobre a arquitetura e os espaços urbanos, desde Bloomer e Moore nos anos 1970, até Careri, Pallasmaa e Gehl no início do século XXI, traz à baila o reconhecimento da fenomenologia e sua influência nos aportes teóricos e metodológicos nas pesquisas.

A transposição de um domínio filosófico para uma aplicação à pesquisa empírica permite a observação da característica de um lugar público que confere identidade aos seus usuários, bem como a compreensão do fenômeno de sua habitabilidade - que no sentido pleno, ocorre quando as pessoas se sentem naturalmente em casa, apropriando-se espontaneamente de praças, parques, jardins, ou mesmo habitando diante da luz que emana de superfícies claras de edifícios ou da brisa refrescante no lugar. Desse modo, acreditamos que, por meio do procedimento de leitura urbana sob viés fenomenológico, pode-se emergir temas instigantes em pesquisas sobre a relação da natureza interior com os espaços vividos.

Em um mundo em que não-lugares corroem o espaço público, faz-se surgir cada vez mais diante de nós, espaços ou ambientes homogêneos que, nas palavras de Bloomer e Moore (1977:84, tradução livre), “não pertencem a ninguém, não sendo privados, nem públicos, nem confortáveis, nem inspiradores, nem mesmo seguros”. Nesse sentido, compreender as interações potenciais entre corpo, imaginação e meio ambiente, daqueles que habitam os interiores de nosso mundo, os lugares que fazemos para nossa própria habitação e que faz deles memoráveis é, no nosso entender, um caminho frutífero para compreender as metáforas existenciais da vida, que, segundo Pallasmaa (2011), permitem concretizar e estruturar a nossa existência no mundo.

Pensar a cidade e propor espaços públicos dignos de habitabilidade requer um exercício de reconhecimento de nossos próprios domicílios, de entendimento total da nossa própria condição humana e, em reciprocidade, um constante dar e receber de tudo que vivenciamos, visitamos ou reconhecemos. Nossas experiências memoráveis são integradas à nossa identidade própria, que conforme evocação de Pallasmaa (2011) é a memória encarnada de nossa corporeidade, que funde em nossas consciências, espaço, matéria e tempo.

## Referências

- Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bloomer, K. e Moore, C. (1977). *Body, Memory, and Architecture*. New Haven: Yale University Press.
- Careri, F. (2014). *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili.
- Engel, P. (2009). Produzindo um corpo sensível. Algumas idéias para (re) pensar a aprendizagem da percepção na formação do arquiteto. *Arquitextos Vitruvius* (São Paulo), ano 09, 106(04), mar. <http://www.vitruvius.com.br>
- Gehl, J. (2013). *Cidade para pessoas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Heidegger, M. (2001). *Ensaios e conferências*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lopes, R. (2017) “*Sentir através de*”: o ensino do desenho de observação na Arquitetura e Urbanismo à luz da Fenomenologia da Percepção. 2017. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFF). Niterói: UFF.
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Nesbitt, K. (org). (2006). *Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify.
- Norberg-Schulz, C. (1980). *Genius loci: Towards Phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli.
- Pallasmaa, J. (2011). *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman.